



# O meme do Pica-pau descendo as Cataratas do Niágara em um barril: compulsão à repetição, realização de desejo e queda dos ideais

## **Humberto Moacir de Oliveira**

*Graduado em Psicologia pela PUC-MG, Mestre em Estudos Psicanalíticos pela UFMG, Coordenador do CEPP (Centro de Estudos e Pesquisa em Psicanálise do Vale do Aço).*

## **Camila Rodrigues Silva Mendonça**

*Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. Especialização em Psicanálise e os Desafios da Contemporaneidade. Mestranda em Gestão Integrada do Território (GIT). Professora no curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras/Ipatinga-MG.*

### **Resumo**

Os chamados memes de internet vêm se apresentando como uma constante forma de expressão na contemporaneidade, participando de debates sociais sobre política, cultura, esporte e até mesmo na transmissão da psicanálise. Entender o funcionamento dessa linguagem através do estudo de alguns exemplares, elucidando tanto seu poder de riso quanto seu poder de alcance, pode nos ajudar a compreender melhor a linguagem contemporânea. O presente trabalho serve-se da teoria de Freud sobre os chistes para analisar o efeito cômico do meme retirado do episódio *Niagara Fools* do desenho *Woody Woodpecker* (Pica-Pau) em que uma personagem desce as Cataratas do Niágara em um barril. A hipótese construída foi a de que este meme retira sua força da compulsão à repetição, da realização de um desejo inconsciente e da queda dos ideais.

**Palavras-chave:** Meme; Niagara Fools; Pica-Pau; Chiste; Compulsão à repetição; Queda dos ideais.

### **Abstract**

So-called internet memes have become a constant form of expression in contemporary times, taking part in social debates on politics, culture, sport and even in the transmission of psychoanalysis. Understanding how this language works through the study of some examples, elucidating both its power to make people laugh and its power to reach, can help us better understand contemporary language. This work looks at Freud's theory of jokes to analyze the comic effect of the meme taken from the Niagara Fools episode of the Woody Woodpecker cartoon, in which a character descends Niagara Falls in a barrel. The hypothesis was that this meme draws its strength from the compulsion to repeat, the fulfillment of an unconscious desire and the fall of ideals.

**Keywords:** Meme; Niagara Fools; Woodpecker cartoon; Joke; Repetition compulsion; Fall of ideals.

## Introdução

Qualquer internauta brasileiro que navegue frequentemente nas redes sociais virtuais já se deparou com o meme de um barril que desce as Cataratas do Niágara enquanto um grupo de turistas trajados com capas de chuva amarelas o ovaciona. Por vezes a cena é acompanhada de uma frase ou a imagem é adulterada, sobrepondo à personagem do desenho uma foto de alguma personalidade política ou artística, mas em seu núcleo a cena prossegue insistindo em nossos *feeds* de notícias com certa inalterabilidade. Já estamparam o meme figuras como a presidenta Dilma Rousseff, Michel Temer, Jair Bolsonaro, Sérgio Moro, bandeiras de times de futebol e Junior Cesar Peixoto, o bolsonarista que, durante atos antidemocráticos que rejeitavam a vitória de Lula em 2022, subiu no para-choque de um caminhão em busca de manter a obstrução das estradas – mas ao invés disso, foi conduzido durante alguns quilômetros por uma rodovia em Pernambuco.



### Imagem 1:

Meme postado dia 01/01/2023 na conta de @sjccacau no X (antigo Twitter) atualmente com mais de 46 mil visualizações. Disponível em <https://images.app.goo.gl/sdrXHwkNxgrA3jcbA>. Acesso em 25 de janeiro de 2024.

O termo meme foi cunhado em 1976 pelo biólogo britânico Richard Dawkins no final de seu livro *O gene egoísta*. Comparando a lógica da evolução por seleção natural, proposta pelo darwinismo universal, com a transmissão de elementos culturais via imitação, o biólogo sugere que toda cultura apresenta algumas unidades como a moda, os costumes, a arte, entre outras, que são replicadas de geração a geração de forma semelhante aos genes. Dawkins procura, então, um nome para esse replicador, para essa unidade de transmissão cultural via imitação. A primeira palavra que lhe ocorre é *Mimeme*, que carrega a raiz grega *Mimesis*, cujo significado mais imediato é imitação. No entanto, Dawkins diz buscar algum monossílabo que soasse como o conceito biológico de “gene”, chegando, então, ao termo proposto: “Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar *mimeme* para *meme*. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada com ‘memória’, ou à palavra francesa *même*” (Dawkins, 2001, p. 214). Meme, portanto, na teoria de Dawkins, representa alguma unidade de transmissão cultural via imitação ou repetição do “mesmo” – daí a referência ao vocábulo francês *même*. Mas também pode fazer alusão à memória, aquilo que se fixa na cultura de um povo e é transmitido como uma espécie de “gene cultural”.

No entanto, o termo, que durante muito tempo ficou restrito aos especialistas, foi expandindo seu alcance até fazer parte do vocabulário cotidiano da internet. Segundo Ton Torres (2016, p. 60), foi no fim da década de 1990, com a criação de uma página que compilava links da internet, chamada *Memepool* (“Piscina de memes”, em tradução livre), é que a palavra passou a significar peças, frequentemente de humor, que, em outra referência à biologia, “viralizam”, sendo compartilhadas e curtida por muitos internautas. Desde então, o meme passou a fazer parte do cotidiano da internet e atualmente participam dos debates sobre política, cultura, esporte e mesmo na transmissão da psicanálise, como no caso da página “O Retorno do Recalcado - Memes Psicanalíticos”, que adapta memes contemporâneos para tecer críticas, propor debates e pensar conceitos do campo da Psicanálise.

Nas palavras de Natália Botelho Horta, os memes de internet tornaram-se, assim, um certo tipo de linguagem, uma forma de expressão, “uma vez que operavam a partir de algumas regras que não foram preestabelecidas, porém eram conhecidas e compartilhadas, padronizando os modos de comunicar” (Horta, 2015, p. 47). Como características principais dessa padronização, Fontanella (2009, p. 09) destaca a repetição de um modelo formal básico – por exemplo, a imagem do barril descendo as cataratas – sobre o qual os internautas intervêm, adaptando a forma básica a diversos contextos – por exemplo, inserindo na imagem fotos de políticos. Daí Horta (2015, p. 26) resumir que as marcas regulares dos memes de internet são

a *repetição* (do modelo formal básico) e a *paródia* (a intervenção dos internautas sobre tal modelo), que se ligam a outras características, não tão regulares, portanto, secundárias, do meme, como o excesso, o exagero, o absurdo e o humor.

É interessante notar que o meme de internet compartilha com o chiste algumas características identificadas por Freud no estudo desse último. Aquilo que os alemães chamam de *der Witz*, traduzido em português por chiste, dito espirituoso ou tirada oportuna, pode ser pensado como um jogo de palavras que objetiva o riso, frequentemente se servindo também do excesso, do exagero e do absurdo. O exemplo-modelo que Freud (1996d, p. 20) menciona logo no início de sua obra é o neologismo de Heinrich Heine em *Die Bäder von Lucca*, quando o poeta diz que o simples agente de loteria Hirsch-Hyacinth foi tratado de forma *familiariamente* pelo Barão Rothschild. A palavra condensa os termos *familiar* e *milionário*, revelando que o barão tratou Hirsch-Hyacinth como trata seus amigos ricos.

Sendo o objetivo de todo chiste provocar o riso, já podemos identificar aqui uma primeira característica em comum entre o meme de internet e o chiste, ainda que o riso não seja uma condição sine qua non do meme. Além de objetivar o riso, Freud também concorda com Jean Paul Richter que outra característica importante do chiste é sua brevidade. Em um ensaio sobre estética de 1804, o escritor dirá que “A brevidade é o corpo e a alma do chiste” (Richter apud Freud, 1996d, p. 21). Também os memes carregam essa característica de serem “estalos curtos de expressão” (Horta, 2015, p. 170), sendo compostos na maioria das vezes por uma única imagem (foto ou vídeo) acompanhada de uma frase curta. Mas a característica mais significativa que o meme compartilha com o chiste é o que Freud chamou de o “encanto peculiar e fascinador” do chiste e que consiste em seu poder de replicação, compartilhamento ou, em termos mais contemporâneos, viralização:

Um novo chiste age quase como um acontecimento de interesse universal: passa de uma a outra pessoa como se fora a notícia da vitória mais recente. Mesmo homens eminentes que acreditam valer a pena contar a história de suas origens, das cidades e países que visitaram, das pessoas importantes com quem conviveram, não se envergonham de inserir em suas autobiografias o relato de algum excelente chiste que acaso ouviram (Freud, 1996d, p. 23).

Ao longo de sua exposição Freud atribui esse fascínio ao poder que o chiste tem de se servir de alguma regra, mecanismo ou lógica do inconsciente para transmitir uma mensagem. De acordo com o psicanalista, um chiste se forma da seguinte maneira: “um

pensamento pré-consciente é abandonado por um momento à revisão do inconsciente e o resultado disso é imediatamente capturado pela percepção consciente” (Freud, 1996d, p. 157). É como se o autor do chiste deixasse, por um breve instante, seus pensamentos serem dragados pelo inconsciente e moldados por ele, fugindo assim dos obstáculos mentais que buscam organizar a mente segundo as leis de causalidade, temporalidade, racionalidade e sociabilidade presentes na vida consciente cotidiana. Daí ser tão frequente que o chiste tenha uma roupagem nonsense, repleta de excessos, exageros e absurdos.

Isso significa que se Heine houvesse simplesmente dito que o Barão Rothschild tratou Hirsch-Hyacinth da mesma forma que trata seus amigos milionários, não apenas a mensagem não provocaria tanto riso, como também não teria a mesma força. É por se servir, nesse caso, da lógica da condensação, tão presente no inconsciente e nos sonhos (e também nos chistes e memes), é que a roupagem chistosa da mensagem faz aumentar a sua força de transmissão e o desejo de compartilhar tal achado com outras pessoas.

Se os memes, nesse sentido popular usado pelos internautas, compartilham dessas três características do chiste (riso, brevidade e viralização), talvez seja porque eles também tomam emprestado alguns mecanismos do inconsciente para dar à mensagem uma força maior. Dizer que um político está perdendo popularidade ou força ou que um time de futebol foi rebaixado para uma liga inferior talvez não tenha tanta eficácia de compartilhamento como colocá-lo no barril descendo as Cataratas do Niágara. Assim, com uma metodologia semelhante a que Freud fez com tantos chistes, analisando-os um por um, tentar entender quais mecanismos inconscientes estão por trás do meme do Pica-Pau pode nos ajudar a elucidar não apenas esse meme específico, mas jogar luz nos motivos que tornam os memes ferramentas tão potentes na comunicação contemporânea – como acertadamente diagnosticou Fontanella (2009, p. 2).

## No barril do Pica-Pau

Uma primeira estratégia para investigarmos a força e os mecanismos do meme do Pica-Pau é procurar entender o enredo do qual a imagem foi retirada. A cena aparece pela primeira vez em um episódio do desenho *Woody Woodpecker* (Pica-Pau), dirigido por Paul J. Smith, em 1956. O episódio, que em inglês recebeu o nome *Niagara Fools* e que foi traduzido no Brasil por “Vamos às Cataratas”, começa com o guarda do parque das Cataratas do Niágara dizendo que o local “afeta pessoas diferentes de modos diferentes”. Ele explica que há desde os casais românticos que

## 1

A história de Annie Edson Taylor é narrada no livro Taylor, Annie Edson. *Over the Falls: Annie Edson Taylor's Story of Her Trip*, 1902.

se apaixonam com a paisagem até as pessoas que sentem um forte impulso de descer as cataratas num barril; provavelmente aludindo aqui à professora Annie Edson Taylor que, em 1901, foi a primeira a sobreviver à descida das cataratas dentro de um barril, proeza imitada depois por outras pessoas<sup>1</sup>. Diante dessa fala, Pica-Pau, que a tudo prestava devota atenção, tem um primeiro *insight*; suas mãos se esfregam e surge sobre a sua cabeça um balãozinho com duas engrenagens funcionando. O guarda prossegue se gabando de que, desde que ele toma conta do parque, ninguém mais pensa nessa loucura.

A cena inicial do episódio revela a relação tantas vezes denunciada pela psicanálise entre lei e transgressão. É justamente ao enunciar a proibição que o guarda estimula, no Pica-Pau, uma transgressão. Sabemos que para Freud (1996b, p. 269) não existe negação no inconsciente, e mesmo em outras instâncias psíquicas, como no pré-consciente e no consciente, a linguagem sempre encontrará a limitação de ter que afirmar aquilo que quer negar. É o caso banal de alguém que diz para outrem não pensar num elefante azul, o que evoca exatamente o elefante para dentro da cena e, provavelmente, para a mente do interlocutor.

Mas não é só isso que faz com que lei e transgressão se convirjam. A própria impossibilidade de uma satisfação absoluta da pulsão leva o sujeito humano a buscar na transgressão uma forma de fruição, de gozo. Como lembra Lacan, o gozo, em seu sentido mais absoluto, será sempre interdito, não por ser proibido, mas por ser impossível. Ao se fazer uma lei impedindo o gozo é justamente quando se cria a promessa de que ele pode ocorrer, caso a lei seja transgredida. É por isso que em seu Seminário sobre a ética Lacan retoma a carta de Paulo aos romanos em que o apóstolo diz: “eu não conheci o pecado senão pela lei; porque eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse: Não cobiçarás” (Rm, 7:7-11). Na interpretação lacaniana da carta, é a lei que cria a transgressão/pecado. Pois, é a lei que cria a possibilidade de se alcançar um gozo – no caso de ela ser transgredida. Lacan vai ainda mais longe ao dizer que é para isso, inclusive, que serve a lei: “É nesse ponto que chegamos à fórmula de que uma transgressão é necessária para aceder a esse gozo, e que – para reencontrarmos São Paulo – é muito precisamente para isso que serve a Lei” (Lacan, 1997, p. 217).

Pica-Pau parece justamente denunciar essa serventia da lei ao buscar, tão logo ela é enunciada, transgredi-la. A personagem, que aparentemente não pensava em descer às Cataratas num barril, retorna munido de um. Assim que entra no recipiente, o guarda trava uma disputa para tomar o barril da ave e na briga acaba caindo nas águas dentro do barril. O pássaro ainda solicita que o guarda devolva seu objeto, mas é tarde demais e ele segue

o curso das águas. Nessa primeira descida, o guarda ainda se desespera, se assusta, grita e se debate dentro do barril. Mas de nada adianta, ele rumo a contragosto para a tão famosa cena da personagem descendo as Cataratas enquanto turistas com capas de chuva amarelas fazem uma saudação.

Começa-se aí uma série de repetições que lembra a passagem de *Jerusalém Libertada* citada por Freud (2020, p. 97) em *Além do princípio do prazer*. No poema épico de Torquato Tasso (1864)<sup>2</sup>, Tancredo mata, por engano, sua amada Clorinda, que estava disfarçada com a armadura de um guerreiro inimigo. Após o enterro de sua companheira, o herói adentra numa floresta e em fúria golpeia uma árvore, mas descobre, ao ver o sangue que jorra de seu tronco e ao escutar a lamentosa voz de Clorinda, que sua amada agora vivia encarnada na árvore golpeada. Assim, Tancredo mata a amada duas vezes, como se o destino o impusesse tal fatalidade.

No episódio de Pica-Pau o guarda se enxuga da desditosa aventura quando vê se aproximar um casal de namorados. Para esconder sua nudez adentra em um barril de lixo. Pica-Pau está nesse momento a procura de um novo barril para finalmente atender seu impulso de descer as Cataratas. Ele avista o barril em que o guarda está escondido e ao tomá-lo em suas mãos escorrega e o deixa cair mais uma vez nas águas. A mesma cena se repete quase identicamente, mas agora com o guarda nu. De toda forma, ele desce as águas e os turistas o saúdam mais uma vez. Pica-Pau busca então uma embalagem escrita “*Do it yourself - Barrel Kit*” (Faça você mesmo o seu barril, em tradução livre). O guarda mais uma vez tenta capturar a ave e novamente acaba dentro do barril em direção às Cataratas. Dessa vez ele começa a se resignar. Não esperneia tanto, apenas chora lamentando seu destino. Outra diferença é que nesse momento ele pede, em vão, para os turistas se calarem.

E, assim, a sina continua. Pica-Pau, numa estratégia clássica da série, fantasia um barril de mulher para conseguir passar pelo guarda. De início, o guarda não nota a farsa e ainda acena para a suposta senhora que acompanha Pica-Pau. Mas logo percebe o engodo, diz que conhece um barril de longe e vai tirar satisfação golpeando o barril de Pica-Pau. No entanto, ele golpeia uma mulher de verdade, coincidentemente trajada com o mesmo figurino do barril. A mulher agride o guarda que novamente cai e desce as Cataratas, dessa vez ainda mais resignado, sem chorar nem se debater, apenas tamborilando os dedos enquanto espera pacientemente seu destino. Inclusive, uma das versões do meme provém exatamente dessa cena que antecede a queda. Na véspera do impeachment de Dilma Rousseff, por exemplo, circulou a

## 2

Referência a versão do poema traduzido e vertido a oitava-rima portuguesa por José Ramos Coelho em 1864.

montagem de um vídeo com o rosto da presidenta tamborilando o barril e a frase: “Tchau, querida!”<sup>3</sup>.

3

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WI7Yl-JmRrI0>. Acesso em 25 de janeiro de 2024.

A partir daí será esse o padrão da queda do guarda. Sempre resignado, cumprindo seu triste destino. O jogo prossegue chegando ao cúmulo de Pica-Pau comprar dezenas de barris e o guarda chamar reforço de também dezenas de guardas que, por fim, acabam todos, devido a um esdrúxulo acidente, dentro dos barris que descem as Cataratas enquanto os turistas os ovacionam mais uma vez. Por fim, o grupo de guardas tenta colocar Pica-Pau num barril e enviá-lo para o Polo Norte, mas por engano acabam enviando o próprio guarda. Enquanto o guarda retorna do Polo Norte, Pica-Pau segue preparando sua descida nas Cataratas do Niágara. O guarda chega no exato momento em que ele vai descer e consegue, em tempo, desligar o curso d’água fazendo com que o barril pare na beira da queda, agora totalmente seca. O guarda entra numa nova disputa e acaba mais uma vez dentro do barril. Pica-Pau, por vingança, abre as águas e a cena se repete mais uma vez. O episódio termina com o guarda descendo num barril quando ao seu lado aparece o próprio Pica-Pau com trajes de policial e multa o guarda do parque por ir às Cataratas num barril. Ao entregar a notificação a ave termina com seu riso característico que encerra quase todos os episódios da série.

### Compulsão à repetição em *Niagara Fools*

Quando Freud escreveu *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, em 1905, ele ainda não havia elaborado de forma definitiva o conceito de compulsão à repetição. Isso só foi acontecer em 1920 no já citado ensaio *Além do princípio do prazer*. No entanto, para explicar alguns chistes que se serviam da repetição, Freud já alude, na data, ao mecanismo de automatismo que seria próprio ao inconsciente. Um exemplo para tal categoria de chiste é do agente matrimonial judeu que instrui seu auxiliar a exagerar os atributos da possível noiva. Quando o agente elogia os olhos da moça, o auxiliar repete para o candidato: “E que olhos ela tem!”. Ao ser louvada a forma como a moça foi educada, o auxiliar exclama: “E que educação!”. Porém, quando o agente admite discretamente que a moça tinha uma leve corcunda, o auxiliar também exclama: “E que corcunda!” (Freud, 1996d, p. 68)

Freud explica o efeito cômico desse chiste dizendo que o auxiliar comporta de forma automática. A explicação se aproxima da teoria de Henri Bergson para quem a comicidade reside na sobreposição do mecânico à vida. Para o filósofo francês, o riso ocorre quando encontramos “certa rigidez mecânica quando seria



de se esperar a maleabilidade atenta e a flexibilidade vívida de uma pessoa” (Bergson, 2001, p. 8). Ou seja, ali onde esperamos encontrar um espírito flexível, mutável e atento – gracioso como um acrobata – encontramos um ser que se comporta como uma máquina: rígido, repetitivo e distraído – como um palhaço. Freud concorda com Bergson que a repetição tende a gerar risos, mas dá uma outra explicação para o fenômeno. Para Freud, não se trata do mecânico sobreposto à vida; o que gera o riso é o herói cômico funcionar à maneira dos modos mais primitivos do pensamento inconsciente. Para Freud, tal funcionamento, por demandar menos esforço, é também mais econômico e é exatamente a energia poupada que se reverte em descarga cômica. Para ele, pouco importa se o mecanismo usado é a condensação do *famíliarmente* de Heine ou se a repetição do auxiliar do agente matrimonial. O que importa é a cena se passar de maneira como o inconsciente tende a funcionar, poupando o espectador de um caminho mais elaborado, que consumiria mais energia.

Essa explicação ganha ainda mais força após a teoria sobre a compulsão à repetição, elaborada em 1920. O inconsciente, ao tender para certo automatismo, não apenas visa poupar energia e gerar prazer, como descrito em 1905. A compulsão à repetição, a partir de 1920, passa a ser uma tendência do aparelho psíquico “mais originária, mais elementar e mais pulsional do que o princípio de prazer” (Freud, 2020, p. 99).

Mas ser mais originária que o princípio do prazer não significa que a compulsão à repetição não possa convergir com o prazer. Muito pelo contrário. Freud nos lembra, inclusive, que foi justamente por repetição e prazer confluírem tantas vezes é que ele demorou a enxergar o fenômeno de forma independente. Foi somente a partir dos neuróticos de guerra, que repetiam em alucinações e sonhos os terrores da Primeira Guerra Mundial, é que Freud pensou na repetição como um fenômeno primário e independente do prazer.

É nesse contexto que Freud cita a sina de Tancredo, que mata Clorinda duas vezes. E poderíamos citar também a sina do guarda das Cataratas do Niágara. Tancredo e o guarda-parque compartilham de forma caricaturada (o guarda ainda mais que o herói épico) o destino de muitos neuróticos. Afinal, a vida dos neuróticos está repleta de repetições. Muitas vezes repete-se porque a experiência foi prazerosa (ainda que apenas no sistema inconsciente). Outras vezes repete-se porque o simples fato de repetir é em si prazeroso pela já citada economia psíquica. Mas, por vezes, se repete mesmo algo que nunca foi prazeroso (sequer no plano inconsciente), simplesmente porque somos compelidos por uma força primária que está além do princípio do prazer. Para Freud é uma força comparável a que leva os peixes, na piracema, ou algumas aves, em seu curso migratório,

a retornarem aos seus respectivos locais de nascimento. Em todos esses casos fala mais alto um impulso à repetição, um retorno a um estado anterior de coisas, ainda que desprazeroso.

Combinando as teorias de Freud, de 1905 e 1920, poderíamos encontrar aqui uma primeira hipótese para explicar o efeito cômico do episódio *Niagara Fools*. O episódio gira em torno de uma repetição involuntária. O espectador talvez encontre no desenho animado a trama inconsciente que impulsiona todo ser humano à repetição, por mais absurdo que seja o caminho que leve até ela. O inconsciente não se interessa pela rota racional e realista que enxergaria como absurdo uma mulher ser confundida com um barril ou vários guardas caírem todos juntos dentro de vários barris, ou ainda, um guarda marchar do Polo Norte até Niágara para chegar no exato instante em que Pica-Pau desceria as Cataratas. O episódio dá a impressão de ir testando nossos limites. A cada cena aumenta o absurdo, a impossibilidade, a inverossimilhança da trama. É como se a compulsão à repetição do inconsciente, destacada por Freud em 1920, triunfasse sempre e cada vez mais.

Mas por que isso nos faz rir? Recordemos da teoria de Freud sobre o riso exposta em seu livro sobre o chiste. É claro que o episódio em si não é um chiste, mas a exposição de Freud não se encerra no chiste. Para o psicanalista, o riso, provocado pelo chiste ou por outra forma de expressão qualquer, é sempre resultado de uma energia psíquica que se poupou. Ora, sendo a repetição uma tendência mais originária e pulsional do aparelho psíquico, é claro que ela também é por si mais econômica. O espectador percebe essa economia e a energia poupada é descarregada no riso. Claro – e isso também está na teoria de Freud – que isso só acontece se tal energia não for reutilizada por outro trabalho mental. Daí não ser comum que se ria de Tancredo. Porque nesse caso a energia poupada ao assistir à repetição é exigida para o trabalho de compaixão com o herói. Nos desenhos animados, de forma geral, não há espaço para a compaixão. As próprias personagens caricaturadas e incorpóreas dificultam a identificação que, desde Aristóteles (2011, p. 49), é mencionada como caminho para a compaixão [*eleos*] e para o medo [*phóbos*] presentes no processo de purgação da tragédia [*katharsis*].

## O desejo inconsciente das personagens

No caso do episódio de Pica-Pau há ainda outra interpretação que poderia explicar seu efeito cômico. Não apenas o guarda repete involuntária e insistentemente um roteiro, mas repete exatamente aquilo que ele próprio negou no início do desenho. Retomando mais uma vez a relação entre lei e transgressão, é inevitável pensar

que quando o guarda-parque chama de “loucura” o impulso de descer as Cataratas num barril (sem que ninguém fizesse menção a tal fato) e afirma que ninguém mais pensa nisso desde que ele toma conta do parque, ele próprio revela seu desejo inconsciente de se deixar levar pelas águas do Niágara num barril.

Dissemos acima que a repetição nem sempre visa o princípio do prazer e agora apontamos que nesse caso ela buscaria realizar um desejo inconsciente do guarda. Uma coisa não exclui a outra. Ambos os mecanismos são princípios básicos do inconsciente e na maioria das vezes, como também já foi dito, eles aparecem combinados, fazendo com que o que é repetitivo seja também prazeroso. É o caso, por exemplo, das brincadeiras, jogos e histórias infantis. Quando Ernst, netinho de Freud, logo após o retorno da mãe ao trabalho, começa a lançar os objetos pela casa emitindo o som *fort* [“desapareceu”, “sumiu”], ele está, segundo a ótica de seu avô, atendendo a compulsão à repetição. Na hipótese de Freud, ele repete algo traumático, a saber, o distanciamento da mãe. No entanto, isso não impede que seu ato também atenda ao princípio do prazer, por exemplo representando uma vingança em relação à mãe, com ele se comportando agora de forma ativa em seu desaparecimento<sup>4</sup>. Freud (2020, p. 77-79) hesita em dizer qual seria a explicação mais adequada, mas no decorrer de seu ensaio parece que as duas explicações, como no caso do episódio do Pica-Pau, não se excluem. Lançar o carretel, ou cair repetidamente nas águas do Niágara, pode atender ao mesmo tempo a uma compulsão à repetição e a uma realização de desejo inconsciente.

#### 4

Há ao menos uma situação em que a realização do desejo fica ainda mais evidente nessa observação de Freud (1920/2020). É quando o Ernst encontra um carretel e não apenas o lança emitindo seu tradicional *fort*, mas puxa-o novamente gritando da – que em alemão representa algo como “achou”, “eis aqui”. Evidentemente que o reencontro do objeto atende a uma realização de desejo, um momento de prazer, o que não exclui a compulsão à repetição. Na exposição freudiana ficou inclusive mais famoso o jogo completo, com o retorno do carretel, do que as vezes em que a criança lança os objetos sem retomá-los.

Percorrendo tais linhas de raciocínio, poderíamos resumir o efeito do episódio mais ou menos da seguinte maneira: a partir da enunciação de uma lei, o espectador identifica, no Pica-Pau, e talvez no guarda-parque, o impulso da transgressão. Também o espectador com certeza já teve impulso de transgredir algumas leis. Mas mais do que isso, o espectador vê tal impulso se realizar a despeito da vontade consciente do guarda, que inclusive luta contra tal destino – como também o próprio espectador já lutou contra seus impulsos repetitivos e seus desejos inconscientes. A partir daí é como se o inconsciente tomasse a frente da situação e produzisse uma série de repetições em que realizar o desejo de descer as Cataratas num barril se impõe a qualquer objeção. O espectador, então, percebe, ainda que inconscientemente, o quanto de energia ele pouparia se o curso do inconsciente não se detivesse em obstáculos como a razão, a verossimilhança, a sociabilidade, a moral ou o respeito às leis. Essa energia poupada não é reutilizada nem em compaixão nem em racionalização, afinal, não é preciso entender a lógica do desenho, porque ele se apoia desde o início no *nonsense* (lembremos que o próprio protagonista é uma ave que fala). Por fim, a energia poupada é descarregada nos espasmos do riso.

## Ideais lançados nas águas do Niágara

É preciso destacar que nos servimos da teoria freudiana do chiste para explicar um fenômeno que não se encaixa na categoria do chiste. Mas também Freud faz isso no final do seu livro ao estudar algumas espécies do cômico. E mais do que isso, o próprio Freud muitas vezes fica confuso em classificar um fenômeno como chiste, anedota ou *humour*. Isso revela que a explicação freudiana do chiste se expande para outras experiências afins e não parece nenhum absurdo utilizá-la para um episódio de desenho animado que tem por objetivo exatamente o riso.

Outro inconveniente se impõe com mais força à nossa explicação. É o fato de que para o meme em análise provocar o riso seria necessário que quem o visse tivesse em mente todo o episódio do *Niagara Fools*. Seja para acompanhar o destino “cármico” do guarda, seja para realizar o desejo inconsciente de transgressão. Ou seja, ambas as hipóteses talvez expliquem o efeito cômico do desenho e o sucesso que o episódio faz desde 1956. Mas, por que o meme, que despreza toda a trama do episódio, não menciona o impulso de descer as Cataratas num barril, e nem repete indefinidamente a cena da queda, faz também tanto sucesso?

Uma primeira explicação seria de que o sucesso do episódio estaria já no repertório mental do internauta e o meme seria, assim, uma condensação do enredo. Não que para isso os internautas precisassem lembrar conscientemente do episódio – a maioria talvez nem saiba da sua origem e nós mesmos (autora e autor do presente artigo) só assistimos o desenho quando nos pegamos instigados a entender em que residia o sucesso de tal meme. Mas pode ser que ao se deparar com o meme do guarda descendo no barril o internauta acione a lembrança cultural do enredo do desenho, ainda que de forma inconsciente – mais ou menos aos moldes do conceito de meme proposto por Dawkins. De fato, o episódio é muito popular, sobretudo no Brasil, e pode explicar parte do sucesso do meme. O próprio sucesso do desenho emprestaria ainda uma maior economia psíquica ao processo, pois estaríamos lidando com uma cena familiar, o que muitas vezes já representa uma economia psíquica. Como é próprio dos memes, o meme do barril apenas troca a personagem ou o contexto a que a cena está associada, mantendo o pano de fundo, como de certo modo ocorre com os jargões dos programas humorísticos.

Um obstáculo para essa explicação seria a extensão do sucesso do meme, alcançando pessoas de diferentes idades, regiões e perfis. Será mesmo que todos já viram ou tiveram alguma notícia do episódio do *Niagara Fools*? Isso não seria necessário. Uma vez o episódio tendo feito muito sucesso entre uma geração ou grupo

de pessoas, a cena poderia ir aos poucos se destacando e levando a ideia para outros grupos menos familiarizados com o desenho, mas que de toda forma intuísse a questão da repetição contida nele. Novamente tal possibilidade não está distante da teoria de Dawkins.

Ainda assim, sem rejeitar as duas hipóteses aqui mencionadas, que implicariam algum conhecimento ou ao menos alguma forma de transmissão do enredo do episódio entre gerações, de certo ganharemos se buscarmos uma interpretação para o riso provocado pelo meme que dispensasse qualquer relação com o enredo completo da série. E, seguramente, uma terceira hipótese, que atinge essa condição, pode ser testada. Trata-se, simplesmente, da força que a queda, principalmente de objetos de veneração, pode exercer sobre a mente humana.

Aqui é impossível não lembrar da queda ou morte do pai, tão presente nos estudos de Freud, de *Totem e Tabu* (1996e) a *Moisés e o monoteísmo* (1996c), passando, evidentemente, por suas variadas análises sobre o mito de Édipo que antecedem, acompanham e prosseguem essas duas obras. Desde *A Interpretação dos Sonhos* (1996a) e dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1996f), Freud já menciona o desejo da criança, como Édipo, de assassinar o pai e substituindo na trama familiar. Em *Totem e Tabu*, Freud (1996e, p. 151) chega a propor que o início da vida em sociedade advém do assassinato do pai primevo, gozador, cujas vontades reinavam em um grupo onde imperava a lei do mais forte. Mais tarde, Freud (1996c, p. 147) ainda recupera essa análise antropológica para especular sobre um possível assassinato de Moisés por seus seguidores. Mas para a sociedade surgir não basta que o pai gozador seja morto, é preciso também um pacto entre os irmãos para que ninguém ascenda a tal posição do pai assassinado.

Desta forma, o lugar de ideal ocupado por aqueles que eventualmente se aproximam de tal posição, seja o pai enquanto autoridade de um grupo familiar, seja uma personagem política, uma liderança religiosa ou uma chefia de emprego, costumeiramente será ameaçado por essa ambiguidade de amor e ódio que Freud, via Complexo de Édipo, localiza no interior do ambiente familiar. É nesse sentido que Lacan irá ler a posição do mestre no discurso histórico, colocado, como um pai, num lugar de poder, mas constantemente furado a ponto de não poder governar:

Ela [a histórica] quer que o outro seja um mestre, que saiba muitas e muitas coisas, mas, mesmo assim, que não saiba demais, para que não acredite que ela é o prêmio máximo de todo o seu saber. Em outras palavras, quer um mestre sobre o qual ela reine. Ela reina, e ele não governa (Lacan, 1992, p. 136).

**5**

Como lembra Vladimir Safatle, o declínio da imago paterna “não nos leva necessariamente a formas de emancipação social, mas pode nos levar a formas ainda mais explícitas de regressão” (Safatle, 2020, p. 39).

**6**

Freud chama de chistes tendenciosos aqueles que servem a algum fim, que possuem um alvo. Depois de trabalhar por algum tempo com a distinção entre chistes tendenciosos e chistes não tendenciosos (ou abstratos, como nomeou F. T. Vischer), ele acaba decidindo por dizer que os chistes nunca são de todo não tendenciosos.

Também foi Lacan um dos pioneiros – isso muitos anos antes de teorizar sobre os discursos – a diagnosticar o declínio da imago paterna em nossa sociedade. Em *Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo*, o psicanalista francês diz: “[...] um grande número de efeitos psicológicos parece-nos depender de um declínio social da imago paterna” (Lacan, 2003, p. 66-67). Essa queda parece ser tanto temida quanto festejada. Na política, o temor de tal declínio fez surgir figuras autoritárias, fascistas, como vimos na década de 1930, ocasião em que Lacan fez tal observação.<sup>5</sup> Mas, claro, a queda do pai pode também ser festejada, como no caso do banquete totêmico narrado por Freud.

Aqui vale retomarmos a já citada teoria freudiana que prevê que quando o sujeito canaliza a energia liberada pelo chiste para outra tarefa, como para a compaixão, luto, defesa ou racionalização, o riso não se torna possível. Mas, quando o chiste – e talvez também o meme – produz alguma economia psíquica e essa energia não é reutilizada, ela é liberada no riso. A queda do pai, ou de quem ocupa o lugar de ideal de um grupo, pode evidentemente representar uma economia psíquica, já que sugere uma forma de emancipação social. Mas representa também um grande desamparo que exige um trabalho de luto, de reorganização e por vezes de busca por um substituto paterno – o que pode resultar na regressão narcísica e agressiva do fascismo. Tudo isso consome a energia liberada pela emancipação e pode tornar aquilo que seria uma comédia ou um festejo totêmico em uma tragédia.

O meme que estamos analisando serve-se de um expediente bem estratégico para driblar tais obstáculos ao riso. Ele coloca no barril do Pica Pau um objeto de veneração e idealização de um determinado grupo, mas não compartilhado por outro. Na maioria das vezes o meme surge como nítida provocação. Aqui novamente a semelhança com o chiste é surpreendente. Também no chiste, como lembra Freud, o alvo da tirada não é aquele que ri. Na teoria freudiana o alvo do chiste ocupa o lugar da segunda pessoa. No lugar da primeira pessoa temos aquele que elabora o chiste, vencendo obstáculos internos (pré-conscientes ou conscientes) que o permitem criar com liberdade o dito espirituoso. A primeira pessoa, diz Freud, não é a que mais ri, já que ela consome energia vencendo a censura dos citados obstáculos internos. A segunda pessoa é aquele objeto (pode ser um ser humano, uma instituição, uma ideia, etc.) que será atacado pelo chiste, já que para Freud “os chistes nunca são efetivamente não tendenciosos” (Freud, 1996d, p. 128)<sup>6</sup>. O objetivo do chiste não é fazer a segunda pessoa rir, mesmo quando ela é de fato um ser humano, o que nem sempre é o caso. O objetivo do chiste é fazer a terceira pessoa rir, oferecendo para ela um material que a possibilite certa economia de energia que não será usada para outra tarefa. Daí Freud insistir que “o prazer que

o chiste produz é mais evidente na terceira pessoa que no criador do chiste” (Freud, 1996d, p. 140). No entanto, o chiste se completa provocando algum riso na primeira pessoa, mas por ricochete, por efeito e contágio da risada da terceira pessoa e pelo triunfo em ter tido sucesso no chiste.

O meme do Pica-Pau parece se sustentar nessa mesma lógica. Ele toma personalidades políticas, celebridades ou times de futebol como a segunda pessoa do meme. Ou seja, como alvo. São pessoas, instituições ou objetos com certo prestígio, que foram colocadas no lugar de ideal de uma determinada quantidade de pessoas. Provavelmente, a maioria dessas pessoas não retirarão riso do meme. Mas o meme se dirige principalmente para grupos que não precisarão dispendar energia para elaborar luto ou sentir compaixão daquele que cai no barril pelas Cataratas do Niágara. Pelo contrário, os que mais riem de tais memes são os detratores dos políticos que caem, são os adversários dos times que foram rebaixados, são os *haters* das celebridades que foram atacadas. Muito provavelmente, os bolsonaristas que tomaram Junior Cesar Peixoto por um patriota defensor de uma nobre causa para o país, tiveram dificuldade em rir ao vê-lo estampar não só esse, mas vários memes que ridicularizaram sua involuntária viagem de caminhão.

Lendo o meme por esse prisma, a experiência de riso independeria completamente do conhecimento do enredo do desenho do qual a imagem foi retirada. Mas continuaria seguindo a lógica que Freud identificou no chiste, de reproduzir a dinâmica do inconsciente provocando com isso alguma economia psíquica. Ver um grande ideal, um mestre ou um pai em declínio, pode provocar medo, defesa, desamparo, luto e compaixão, trabalhos psíquicos que acompanharão a liberação de energia provocada por tal emancipação. Mas se esse ideal que cai não merece nossa compaixão, não desperta em nós nenhum desamparo, nem nos coloca em trabalho de luto ou defesa, ou, em outras palavras, se esse pai é ideal de um outro grupo, talvez até de um grupo rival ao meu, posso então realizar o desejo edípiano e lançar o pai no barril sem maiores obstáculos.<sup>7</sup>

E aqui, claro, tocamos na hipótese mais simples e direta, a de menor esforço para compreender o riso causado pelo meme do Pica-Pau: muitos dos que riem do meme desejam, eles próprios, consciente ou inconsciente, lançar tais ideais, personalidades ou times nas águas do Niágara. Mas mesmo essa hipótese não exclui nenhuma das outras nem dispensa de todo o raciocínio freudiano sobre o chiste. Afinal, essa, na verdade, é idêntica a segunda hipóteses que apresentamos aqui, a lembrar: a realização de um desejo inconsciente; dessa vez não um desejo do guarda-parque ou do Pica-Pau, é verdade, mas do próprio internauta que interage com o meme.

## 7

A esse respeito vale lembrar as considerações de Freud sobre o que ele chamou de chistes a serviço de um propósito hostil: “Tornando nosso inimigo pequeno, inferior, desprezível ou cômico, conseguimos, por linhas transversas, o prazer de vencê-lo - fato que a terceira pessoa, que não dispendeu nenhum esforço, testemunha por seu riso” (Freud, 1996d, p. 103).

## Considerações finais

As três hipóteses que sugerimos aqui como explicação do riso provocado pelo meme do Pica-Pau (compulsão à repetição, realização do desejo inconsciente das personagens – ou do expectador – e a derrubada dos ideais) convergem numa mesma direção: assimilação com o modo inconsciente de funcionamento mental seguida de uma economia de energia psíquica que, não usada para outros fins, resulta em riso. Em outras palavras, a exata explicação que Freud propôs para o riso motivado pelos chistes.

Consideramos satisfatórias tais hipóteses para explicação do meme específico. No entanto, diferente de Freud que trabalhou em seu livro com uma quantidade enorme de criações chistosas (ainda que analisando-os uma a uma), nós nos ocupamos apenas de um exemplar de meme de internet, o que nos leva a ser comedidos quanto a lançar qualquer teoria geral que explique o riso provocado por tais peças no espaço virtual.

Ainda assim, pensamos ser importante publicar tais considerações que servem como uma colaboração psicanalítica para o entendimento do meme de internet, expressão notável de comunicação na contemporaneidade que vem sendo estudada com seriedade pela semiótica, inclusive com debates sobre a criação de uma disciplina específica para tal assunto: a memética (Horta, 2015, p. 35). Sem entrar nessa complicada discussão sobre a memética, ou seja, se o tema vale ou não uma disciplina à parte ou se segue como estudo da semiótica, acreditamos que a compreensão do fenômeno é tão importante, ou mais, para entendermos nossa cultura, nossa linguagem e nossa mente, quanto o foram os chistes na época em que Freud por eles se interessou. E cremos também que a psicanálise tem muito a contribuir.

Reafirmamos aqui, todavia, que o meme de internet, diferentemente do chiste, não tem como sua característica regular o riso. Suas marcas regulares, como já citado, são a repetição e a paródia. No entanto, o riso e o humor aparecem, sem dúvidas, como características secundárias constantemente presentes em tais formas de expressão. É por isso que acreditamos ser uma metodologia válida para compreendermos os memes de internet o estudo daqueles memes que servem a fim humorísticos. Compreendermos seus efeitos cômicos e seu poder de viralização de certo ilumina um debate mais amplo de memes que não necessariamente atendem a tal fim cômico.

Assim, o estudo comparado entre meme e chiste, como também o método adotado por Freud de analisar exemplar por exemplar, indo do singular ao universal (ambas perspectivas



adotadas aqui por nós), podem ser importantes instrumentos para tal trabalho, o que não deixa também de ser uma conclusão de nosso estudo; além, é claro, da conclusão principal de que, ao menos o meme específico do Pica-Pau, serve, como o chiste, de expedientes do inconsciente (repetição, realização de desejo e derrubada dos ideais) para atingir seus fins de hostilização e riso, cujo alvos se renovam a cada replicação.

## Referências

- Aristóteles. *Poética*. São Paulo: Edipro, 2011.
- Bergson, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Bíblia. Português. *Bíblia Sagrada Almeida Corrigida e Fiel*. Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil (SBTB), 2007.
- Dawkins, Richard. *O gene egoísta*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2001.
- Fontanella, Fernando. O que é um meme na Internet? Proposta para uma problemática da memesfera. Trabalho apresentado no *III Simpósio Nacional da ABCiber*, São Paulo, 2009.
- Freud, Sigmund. A interpretação dos sonhos [1900]. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud - vol. 4 e 5*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- Freud, Sigmund. A negativa [1925]. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud - vol. 19*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.
- Freud, Sigmund. *Além do princípio de prazer* [1920]. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- Freud, Sigmund. Moisés e o monoteísmo: três ensaios [1939 (1934-38)]. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud - vol. 23*. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.
- Freud, Sigmund. Os chistes e sua relação com o inconsciente [1905]. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud - vol. 8*. Rio de Janeiro: Imago, 1996d.
- Freud, Sigmund. Totem e tabu [1913-1914]. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud - vol. 13*. Rio de Janeiro: Imago, 1996e.
- Freud, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [1905]. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud - vol. 7*. Rio de Janeiro: Imago, 1996f.

Horta, N. B. O. O meme como linguagem da Internet: uma perspectiva semiótica. (Dissertação de Mestrado). *Programa de Pós-Graduação em Comunicação*. Universidade de Brasília – UnB, 2015. Disponível em: [http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/18420/1/2015\\_NataliaBotelhoHorta.pdf](http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/18420/1/2015_NataliaBotelhoHorta.pdf). Acesso em 16 de janeiro de 2024.

Lacan, Jacques. Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo [1938]. In: Lacan, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

Lacan, Jacques. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise [1959-1960]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

Lacan, Jaques. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise [1969-1970]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

Safatle, V. *Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

Tasso, Torquato. *A Jerusalém libertada: vertida em oitava rima portuguesa*. Lisboa: Tipographia Universal, 1864. Disponível em: <https://ia904506.us.archive.org/29/items/jerusalemliberta00tassuoft/jerusalemliberta00tassuoft.pdf> . Acesso em 16 de janeiro de 2024.

Taylor, Annie Edson. *Over the Falls: Annie Edson Taylor's Story of Her Trip*, 1902.

Torres, Ton. O fenômeno dos memes. *Ciência e Cultura* [online], São Paulo, v. 68, n. 3, p. 60-61, set. de 2016. Disponível em [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252016000300018&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000300018&lng=en&nrm=iso). Acesso em 10 de janeiro de 2024.

*Vamos às Cataratas*. Direção: Paul J. Smith. Produção de Walter Lantz. Estados Unidos: Universal Pictures, 1956. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pN28gGdmMPQ>. Acesso em 19 de novembro de 2023.